



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



**ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DO CERRADO ATRAVÉS DA
LITERATURA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA NAS AULAS DE GEOGRAFIA
DO ENSINO MÉDIO**

Yan Heyder de Oliveira

Ouro Preto – MG

2021

YAN HEYDER DE OLIVEIRA

**ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DO CERRADO ATRAVÉS DA
LITERATURA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA NAS AULAS DE GEOGRAFIA
DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito básico para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia.

William Fortes Rodrigues

Orientador (a)

Jacks Richard de Paulo

Avaliador (a)

Ouro Preto- MG

2021



FOLHA DE APROVAÇÃO

Yan Heyder de Oliveira

Estudo das características do cerrado através da literatura de João Guimarães Rosa nas aulas de Geografia do ensino médio

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Ouro Preto
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia

Aprovada em 15 de dezembro de 2021

Membros da banca

Dr. William Fortes Rodrigues - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Jacks Richard de Paulo - Universidade Federal de Ouro Preto

Dr^a. Marta Bertin, Coordenadora do Curso de Geografia, certifica a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/06/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Marta Bertin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/06/2022, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0343923** e o código CRC **E1D2CE1E**.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	2
2 – DESENVOLVIMENTO	3
2.1 – Ensino de Geografia e interdisciplinaridade	4
2.2 – João Guimarães Rosa e suas obras literárias na temática Biomas ou Domínios Morfoclimáticos	8
2.3 – Práticas Pedagógicas: a Literatura de Guimarães Rosa e a Geografia	11
3 – CONCLUSÃO	13
REFERÊNCIAS	14

ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DO CERRADO ATRAVÉS DA LITERATURA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO

Yan Heyder de Oliveira

RESUMO

O artigo aborda a oportunidade de se estudar os conceitos geográficos e características do bioma Cerrado por meio de outros componentes curriculares, levando a uma importante discussão sobre a interdisciplinaridade nas aulas de Geografia. Ainda é possível levantar também uma importante discussão sobre a prática pedagógica nas aulas de Geografia para os alunos do 1º ano do Ensino Médio ressaltando a importância da interdisciplinaridade entre a Geografia e Literatura por meio das descrições do escritor João Guimarães Rosa em suas obras literárias. Quando a Geografia introduz seus alunos no estudo do Cerrado e outros biomas, por caminhos diferentes ampliam-se o conhecimento e as inúmeras possibilidades de um novo rumo para a compreensão da riqueza natural e social de um espaço geográfico. O documento mostra o quão rico e vasto é a relação entre Geografia e Literatura através das diversas descrições da natureza feitas por João Guimarães Rosa e outros diversos escritores literários, ressaltando dois campos que aparentemente parecem distintos e distantes, porém estão cada vez mais próximos do conhecimento, trazendo em si infinitudes de levantamentos para o entendimento do espaço através da ciência e da arte, ofertando assim maiores possibilidades de relação entre Geografia e Literatura.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Ensino, Geografia, Literatura, Cerrado.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem interdisciplinar de conceitos geográficos como paisagem, espaço e lugar contextualizados sob o viés de outros componentes curriculares como a Literatura, dá a oportunidade para que o aluno perceba as características e transformações do espaço geográfico. O que se deseja abordar neste artigo é justamente a oportunidade de se estudar estes conceitos geográficos por meio de outros componentes da grade

curricular, levando a uma importante discussão sobre a interdisciplinaridade nas aulas de Geografia.

Por vivenciar e respirar todos os dias o cotidiano e o modo de vida no sertão mineiro, bem como visualizar a natureza que o escritor João Guimarães Rosa teve como retrato para escrever seus livros e ser consagrado como um dos maiores escritores da Literatura Brasileira, nasce a inspiração em falar deste sertão físico que o escritor aborda em seus escritos, assim como fez a professora Mônica Meyer (2008), em seu livro “Ser-tão Natureza – A natureza em Guimarães Rosa”, que expressou de forma clara e valorosa a natureza rica em detalhes que Rosa transpôs para os livros.

Mônica deixa explícito o conhecimento que o escritor detinha ao deixar seus escritos nas cadernetas denominadas de “A Boiada”, depois de longos dez dias de viagem pelo sertão mineiro, acompanhando um grupo de vaqueiros, dentre eles Manuelzão, que ficou conhecido e immortalizado na obra rosiana. Nos relatos e anotações deixados por Guimarães Rosa, pode-se perceber a riqueza de detalhes que o mesmo conseguia guardar através das palavras, da fauna e flora, rios e serras do sertão por onde passaram com a referida boiada no ano de 1952, sendo retratado e documentado este momento pela revista O Cruzeiro.

A autora deixa relatado em seu livro que

“A natureza para Guimarães Rosa não se apresenta como um espetáculo ou uma coleção de aspectos naturais compondo um cenário ou um palco, onde se desenrola a aventura da viagem. A natureza não está longe, nem fora, nem ao redor, não impõe medo, nem espanto, nem afasta as pessoas. O ambiente/sertão não está separado das pessoas, dos bichos, das plantas, e sim dentro de cada um, caracterizando o jeito de ser e de viver.” (MEYER, 2008)

Ainda é possível levantar também uma importante discussão sobre a prática pedagógica das aulas de Geografia para os alunos do 1º ano do Ensino Médio quando se coloca a interdisciplinaridade em campo, como será discutido nos próximos tópicos, que tratarão da importância desta interdisciplinaridade entre a Geografia e Literatura por meio das descrições de João Guimarães Rosa em suas obras. Portanto, este artigo tem com foco central a interdisciplinaridade por meio de práticas pedagógicas dos estudos das características do Cerrado através das obras Literárias de João Guimarães Rosa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Ensino de Geografia e interdisciplinaridade

Pensar a interdisciplinaridade para a prática pedagógica geográfica torna-se essencial para o aprendizado das mais diversas temáticas presentes no currículo de Geografia a ser trabalhado nas escolas de educação básica. Muitas são as possibilidades de se tratar a Geografia atrelada a outros componentes curriculares como a Matemática através de dados de estatística, a Biologia através do entendimento da evolução das espécies da fauna e flora no ecossistema e suas relações com o homem, bem como a Física e Química que abordam as transformações de todo o espaço terrestre, dentre diversas outras possibilidades com outros componentes curriculares. Destaca-se nesta discussão a Literatura, que por meio de obras literárias de permanência e alcances continentais de renomados autores, é possível o levantamento de inúmeros estudos acerca da Geografia.

Como cita Suzuki (2017) em seu artigo “Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos”, as primeiras incursões de estabelecimento da relação entre Geografia e Literatura se iniciaram em meados do século XIX, com o debate de Alexander Von Humboldt em sua obra magistral *Cosmos* (BROSSEAU, 1996), publicada, originalmente, entre 1845 e 1858 (ÁNGEL PUIG-SAMPER; REBOK, 2003). Outros escritores também fizeram importantes contribuições em suas obras, como Paul Vidal de la Blache, H. R. Mill e J. K. Wright, relacionando Literatura e Geografia, tendo estes estudos ganhado força no Brasil a partir da última década do século XX.

Muitas foram as discussões sobre em que escola, o curso de Geografia deveria estar, tendo Pierre Monbeig (1940) levantado este questionamento, se o ideal seria a Faculdade de Letras ou a Faculdade de Ciências, visto que esta última possui uma proximidade gigantesca com a Geografia no que concerne os trabalhos de catalogação de amostras e classificação de fatos. Entretanto, a descrição da paisagem, fator preponderante nos estudos de Monbeig (1940), o fizeram acreditar que Geografia e Literatura estariam cada vez mais próximas. É importante entender o levantamento feito pelo autor para que fique ainda mais claro a proximidade entre a Geografia e Literatura, através das temáticas abordadas em obras literárias que possibilitam estudos geográficos através das mesmas.

Sinto-me tentado a escrever que, depois de seu nascimento moderno, a Geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a Literatura se tornava dia a dia mais geográfica. É que, efetivamente, elas têm um campo comum: a descrição da paisagem. Descrever a paisagem da região estudada é a primeira fase do trabalho geográfico. Pode-se afirmar, sem exagero, que a Geografia é o estudo das paisagens. Começa por descrevê-las e tem por missão, em seguida, explicá-las (MONBEIG, 1940)

Por meio de obras literárias como “Os Sertões” de Euclides da Cunha, Pierre Monbeig (1940) consegue ressaltar uma aproximação com a realidade brasileira, tendo-se a possibilidade de se conhecer muito do Brasil através dos escritos de Euclides, em particular o Nordeste, até mesmo reconhecendo no escritor uma voz para um estudo de antropogeografia. Quando falamos da interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura, cabe ressaltar a afirmação de Monbeig (1984) que “a geografia deve ser literária sem, entretanto, cair na literatura”. Ou seja, é possível o estudo geográfico pela literatura, mas em conjunto com estudos de natureza científica próprios da Geografia.

É possível identificar na obra de Euclides da Cunha aspectos da geografia brasileira, sobretudo detalhes do sertão nordestino, com apontamentos sobre clima, vegetação, relevo, bem como composição do solo em destaque para a região onde ocorreu a Guerra de Canudos. O escritor trouxe descrições científicas atreladas a poética em seu texto.

O Planalto Central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo em que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior.

De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precipitando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra [...] (CUNHA, 1985)

No romance “Vidas Secas”, o autor Graciliano Ramos (1969) coloca-nos em contato com a Geografia Física do Nordeste seco, assim como nos escancara as difíceis condições socioeconômicas no campo da parcela mais pobre, abrindo o estudo das populações e suas condições de vida na Geografia Humana. A ambientação de um

romance em um espaço próprio pertencente aos personagens em questão expõe claramente o conceito de lugar de pertencimento e a relação homem versus natureza que é a base da Geografia.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro - mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitasso capões de mato, impenetráveis bancos de macambira - e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados – entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. [...] Nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa, cansados e famintos. Sinhá Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pêlo escasso. Ele, o menino mais velho, caíra no chão que lhe torrava os pés. Escurecera de figura. (RAMOS, 1969)

Os diversos levantamentos e estudos feitos durante os três grandes eventos denominados Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE realizados em algumas cidades brasileiras em anos diferentes, evidenciam as contribuições e estudos ligados ao universo da Geografia e Literatura, sendo notório a presença de importantes leituras edificadas a partir da dimensão social, usando-se de categorias como desigualdade e diferença, entre outros. Contudo, fruto das discussões deste grande evento, vale ressaltar a criação paralela de outro importante encontro, o Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte, que veio para evidenciar e contribuir com estudos ricos de informações sobre a temática em discussão, sendo diversos os conteúdos produzidos relativos aos eventos como artigos, livros, revistas, etc. Para tanto, é possível comprovar a riqueza de estudos advindos da relação entre Geografia e Literatura, visto que até mesmo eventos relativos ao tema foram realizados Brasil afora como bem foi citado.

Ainda se tratando das importantes contribuições que Literatura nos traz para estudos geográficos, em “Capitães de Areia”, Jorge Amado (1988) apresenta a realidade urbana de Salvador onde um grupo de garotos menores abandonados expõem os problemas sociais que encontramos nos centros urbanos de maior parte do Brasil. As situações cotidianas de violência e a inoperância das instituições são reveladas assim como a visão de grupos sociais diferentes neste livro.

Aproximando ainda mais da temática central da discussão deste artigo, João Guimarães Rosa (1956) no conto “Cara-de-Bronze” de seu livro “No Urubuquaquá, No Pinhém” mostra com detalhes descritivos os aspectos da vegetação do Cerrado, bioma do Brasil central. A partir da estória de seu personagem vaqueiro, conhecemos a Geografia Física com elementos de clima, vegetação e relevo.

A que fora lugar, lugares, de mato-grosso, a mata escura, que é do valor do chão. Tal agora se fizera pastagens, a vacaria. O gadame. Este mundo, que desmede os recantos. Mar a redor, fim a fora, iam-se os Gerais, os Gerais do ô e do ão: mesas quebradas e mesas planas, das chapadas, onde há areia; para o verde sujo de más árvores, o grameal e o agreste — um capim rude, que boca de burro ou de boi não quer; e água e alegre relva arrozã, só nos transvales das veredas, cada qual, que refletem, orlantes, o cheiroso sassafrás, a buritirana espinhosa, e os buritis, os ramilhetes dos buritizais, os buritizais, os buritizais, os buritis bebentes. [...] e o céu uma poeira azul e papagaios no voo. Os Gerais do trovão, os Gerais do vento. (ROSA, 1956)

João Guimarães Rosa não teve apenas um olhar contemplativo, mas o mesmo exercitou uma observação minuciosa, fazendo uma leitura rodeada de vários significados e também sinestésica, apresentando assim uma amplitude de significados e sentidos em suas obras. Tudo isso pode ser observado quando o escritor descreve em diversas partes dos seus vários livros a relação do homem com os bichos por exemplo, como o personagem Riobaldo o faz ao descrever o pássaro manóelzinho-da-croa em sua obra prima “Grande Sertão: Veredas” (1956). O personagem na sua mais robustez autodescrição consegue ser frágil e envolvido por sentimentos quando fala dos pássaros, dos rios, das serras e veredas que traziam tranquilidade e paz ao seu coração que estava preenchido por amor, ódios e incertezas. Tal obra exalta o que há de mais belo e simples no cerrado brasileiro, imortalizado como sertão nas palavras de Guimarães Rosa.

Por fim, este artigo mostra o quão rico e vasto é a relação entre Geografia e Literatura através das diversas descrições da natureza feitas por diversos escritores literários, dando destaque para João Guimarães Rosa, ressaltando dois campos que aparentemente parecem distintos e distantes, porém estão cada vez mais próximos do conhecimento, trazendo em si infinitudes de levantamentos para o entendimento do espaço através da ciência e da arte, ofertando assim maiores possibilidades de relação entre Geografia e Literatura.

2.2 João Guimarães Rosa e suas obras literárias na temática Biomas ou Domínios Morfoclimáticos

Em seu estudo sobre a natureza em Guimarães Rosa, Mônica Meyer (2008), relata que nem sempre a natureza é palco ou cenário das estórias, mas que a mesma está dentro de cada personagem e que cada um faz sua natureza.

Pelo trecho do romance Grande Sertão: Veredas, nota-se como Guimarães Rosa retrata seu olhar especial sobre os pássaros, algo que é marcante nos lugares interioranos do cerrado:

[...] Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pouso. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: - “É formoso próprio ...” – ele me ensinou. Do outro lado tinha vargem e lagoas. (ROSA, 2001)

O autor ainda retrata os detalhes da natureza de suas estórias, quando fala sempre detalhadamente sobre os animais, rios e plantas:

Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses – em cima de pedra, quentando sol, ou nadando descoberto, exato. Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. – “As flores ...” – ele prezou. (ROSA, 2001)

Guimarães Rosa foi um dos grandes escritores brasileiros que soube transportar com riqueza de detalhes as características físicas e humanas dos lugares e paisagens para suas estórias. Portanto, trabalhar a literatura rosiana nas aulas de Geografia com alunos do ensino médio, mais precisamente o 1º ano desta modalidade de ensino, etapa no qual os alunos estarão estudando, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, as características e os aspectos dos biomas brasileiros, sendo este um momento oportuno para se trabalhar as obras do referido escritor quando o foco dos estudos forem o importante e diversificado bioma Cerrado, referenciado por Guimarães Rosa em sua obra como sertão ou gerais.

É notório como ao falar da Geografia, Guimarães Rosa expressa sua admiração e conhecimento sobre o que essa ciência pôde proporcionar em riqueza de detalhes e informações que foram de fundamental importância para que o mesmo tivesse um

conjunto de obras literárias diversificadas e com qualidade se comparadas a muitas outras de diversos autores de seu tempo. O escritor ao falar da Geografia diz que

[...] De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, para mais amar e servir o Brasil, mister se faz melhor conhecê-lo; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica. (ROSA, 2006).

O escritor ainda, ao falar do Cerrado, tema desta discussão, complementa que

[...] O cerrado, sob as boas chuvas, tinha muitos ornatos: a enfolhada caparosa, que proíbe o capim de medrar-lhe em torno; o pau bate-caixa, verde-aquarela, musical aos ventos; o pao-santo, coberto de flores de leite e mel; as lobeiras, juntando grandes frutas verdes com flores roxas; a bolsa-de-pastor, brancacenta, que explica muitos casos de assombrações noturnas; e os barbatimãos, estendendo fieiras de azinhavradas moedinhas. Os campos se ondulavam, extensos. Sobre os tabuleiros, gaviões grasniam. (ROSA, 2006).

Pelas descrições de Guimarães Rosa é possível ver o quão rico em detalhes é sua obra, despertando ideias para o trabalho geográfico de pesquisas com os alunos do ensino médio, podendo-se abordar a Geografia de diversas maneiras, seja pelo estudo da paisagem, seja pelo estudo das plantas, seja pelo estudo da vivência do sertanejo. O leque de opções para o desenvolvimento de um trabalho enriquecedor ao conhecimento do aluno é vasto e faz com que professor e aluno tornem-se mais próximos da realidade em que vivem por meio da literatura rosiana.

Mônica Meyer (2008) em seu estudo sobre a natureza expressa por Rosa em suas obras, que também serve de base para o desenvolvimento deste artigo, mostra o valor que encontramos para a natureza através dos diversos livros de Guimarães Rosa, onde a autora faz estudos profundos sobre o sertão, o cerrado e a preservação da natureza. A mesma ainda ressalta a importância da compreensão da vivência humana por meio do estudo da natureza expressa na literatura onde

Os textos literários registram os modos de vida das comunidades em seus aspectos objetivos e subjetivos em diferentes tempos e espaços, o que pode contribuir, em muito, na compreensão da sociedade humana. Os cronistas e descobridores do século XVI, por exemplo, descreveram as aventuras das grandes navegações e a conquista de novas terras. Retrataram o avanço da ciência náutica, as condições das viagens, o pensamento e o imaginário da

tripulação, o perfil e os costumes dos povos nativos. Os viajantes e naturalistas do século XVIII deixaram como legado inventários da biossociodiversidade dos países visitados, que contribuíram para ampliar a visão de mundo e repensar a origem das espécies. Todos esses tipos de relatos, por refletirem uma concepção hegemônica de mundo em que as interações entre os seres humanos entre si e com o ambiente estão presentes, servem de subsídios a vários tipos de estudos. (MEYER, 2008).

Tal temática reforça a importância do estudo da natureza por meio da literatura de Guimarães Rosa, tendo como foco o Cerrado, levando os alunos a despertar o interesse pelo conhecimento e compreensão do seu lugar de vivência por meio da geografia literária deixada pelo escritor na sua vasta e rica obra.

A Geografia se faz presente da primeira até a última palavra escrita pelo imortal Guimarães Rosa. O mesmo era um admirador fascinado por esta ciência desde a infância, quando deixa relatado em cartas o gosto de brincar de geografia, de fazer rios e ilhas no quintal de sua infância, que veio a refletir em suas obras, ganhando corpo e movimento em cada estória escrita, porque até mesmo nas estórias em que a natureza não é o foco principal, não podemos deixar de evidenciá-la, porque lá está o homem, e este por sua vez faz parte da natureza. Mônica (2008) deixa marcado esta importante contribuição do escritor para a Geografia quando diz que

A percepção Geográfica em Grande Sertão: Veredas é corporal, vivida com cumplicidade no meio de situações do cotidiano. As paisagens são percebidas e ganham existência porque estão impregnadas de significados que se traduzem na memória e na expressão, em reminiscências do vivenciado e do experimentado. As sensações táteis, olfativas, visuais se estendem num *continuum*, sorvendo os espaços em evolução. As paisagens são vivas e mutáveis, sendo reconstruídas e recriadas internamente pelo personagem com conhecimento e sentimento. Eles não apresentam nem como cenário nem como pano de fundo, tecem e bordam a trama da vida de Riobaldo em um longo fio que compõem a narrativa contada nesse grande sertão.” (MEYER, 2008)

Está explícito pela autora também que Guimarães Rosa soube relatar e descrever as pessoas do sertão que também são integrantes da natureza, estando estas registradas nas notas do escritor, com as histórias e estórias, causos e vivências e principalmente a sabedoria popular que estas pessoas traziam consigo mesmas. Por cada canto que o escritor passou, o mesmo soube observar e valorizar o conhecimento que a natureza nos transmite e que o homem soube aprender com a mesma.

Por fim, Mônica (2008) consegue através de sua obra aguçar no leitor o gosto para a leitura e estudo profundo do sertão que Guimarães Rosa aborda em seus livros.

Por meio dos levantamentos feitos pela autora, é possível enumerar diversas possibilidades para se aumentar o conhecimento em torno do universo rosiano, seja pela natureza aguçante e rica em detalhes, seja pela relação do homem com o meio em que vive, ou seja simplesmente pela vivência do sertanejo humano e raiz do nosso cerrado brasileiro.

2.3 Práticas Pedagógicas: a Literatura de Guimarães Rosa e a Geografia

A prática pedagógica inclui pesquisar a fundo o que é proposto como estudo para os alunos. Incluir um autor literário e uma de suas obras exige debruçarmos sobre o autor e o sobre o romance, poema ou conto que se propõe usar como ponto de partida para a construção da aprendizagem na sala de aula de Geografia.

Como cita Guimarães (2008) em seu texto “Interdisciplinaridade: consciência do servir”, a interdisciplinaridade exige alguns importantes critérios para que possamos de fato colocar em prática a mesma. Portanto, nota-se que

Construir e defender um conceito próprio de interdisciplinaridade exige buscar a essência do todo (conceito) nas partes/retalhos (teóricos) que já foram tecidos. Exige, portanto, definir o contexto, enquanto espaço e tempo, o valor e aplicabilidade, a finalidade, a pergunta existencial que me move na busca de um entendimento maior, fios condutores, que constituirão uma primeira ideia, uma definição provisória do que seja interdisciplinaridade. (GUIMARÃES, 2008)

A aprendizagem significativa que inclui análise, síntese, crítica entre outros processos nos faz buscar práticas pedagógicas que favoreçam o ganho de habilidades de permanência em jovens que enfrentarão cada vez mais situações cotidianas no emprego, no convívio social que exijam um entendimento maior do espaço que os cercam e de como este espaço se organiza. Segundo Cavalcanti (2010)

Outro aspecto a considerar é a necessidade de reconhecer as vinculações da espacialidade das crianças, de sua cultura, com o currículo escolar, com os conteúdos das disciplinas, com os conteúdos da Geografia, com o cotidiano da sala de aula e de todo o espaço escolar. Alguns projetos inovam porque partem do pressuposto de que não basta manter as crianças e os jovens dentro dos muros da escola; é necessário que ali eles possam vivenciar seu processo de identificação, individual e em grupos, e que sejam respeitados nesse processo. (CAVALCANTI, 2010)

Incluir a Literatura através de um conto como “Cara-de-Bronze” do livro “No Urubuquaquá, No Pinhém” de João Guimarães Rosa, abre caminho para a necessária aprendizagem que favorece o discernimento sobre ambientes geográficos, sua construção e evolução ao longo da caminhada humana. O olhar literário aproxima o aluno de uma visão única com conotações particulares que transparecem a condição momentânea do fato e espaço abordado na obra.

É preciso ter claramente que aspectos geográficos serão analisados como os aspectos físicos, humanos, econômicos, etc. Então para uma prática pedagógica efetiva há de se direcionar bem um conteúdo literário específico levando em conta a série que irá entrar em contato com a obra literária e os pré-requisitos necessários para realizar o estudo proposto.

Desta forma, o conto “Cara-de-Bronze” abre espaços de aprendizagem sobre elementos naturais da Geografia que são estudadas no 1º ano do ensino médio. É a oportunidade de levar o aluno a perceber as características de vegetação, clima e relevo através da linguagem literária mostrando nuances peculiares por meio de uma descrição não científica. O autor consegue retratar em trechos as características do lugar, englobando os mais diversos elementos que compõem a paisagem:

Sobe a Vereda-do-Maracujá? Vara a Chapada? Desce na Vereda-dos-Olhos-d'Água? Cabeceira-de-vereda, cabeceira-de-brejo. Atravessa a Vereda-do-Angelim? — Veredas em que dá jatobá, caraibas altas, pé de louro, o imbaubal. Ah, o cajueiro... Disse do cajueiro: que era uma flôr com cheiro em tempos de noivado... Daí, os brejos vão virando rios. Pegou a aba de um rio. Rio muito encravado. — No almarjal, meu cavalo pastou o amã... Pelo Canto-do-Buriti, não carecia de passar. — Em lugares, muito vi os buritis morrendo: briga da caatinga com o Gerais... Buriti-bravo: é espinhoso... As aves: — Garças são as mais que são as mesmas: garça quara madapolão... Viu o gado folheiro, comendo árvores dos matos. (ROSA, 2016)

Guimarães Rosa por meio de notas de rodapé em seu conto, enumera uma infinidade de espécies da fauna e flora do chamado sertão mineiro, o que oportuniza a pesquisa e catalogação através de suas citações. São extensas notas, onde podemos conferir uma pequena amostra, em que o autor descreve inúmeras árvores características do bioma cerrado:

E que árvores, afora muitas, o Grivo pôde ver? Com que pessoas de árvores ele topou?

A ana-sorta. O João-curto. O João-correia. A três-marias. O Sebastião-de-arruda. O São-fidélis. O Angelim-macho. O Angelim-amargo. O João-leite. O Guzabu-preto. O Capitão-do-campo. A Bela-corísia. O Barabú. A Gorazema. A

árvore-da-vaca. A ciriiba. A nhaíva. O oití-bêbado. O carvão-branco. O pau-de-pente. O sete-casacas. A carrancuda. O triste-flor. O cabelo-de-negro. O catinga-de-porco. A carne-de-anta. O bate-caixa. A bolsa-de-pastor. A chupa-ferro. O gonçalo-alves. A casca-do-brasil. O calcanhar-de-cutia. O jacarandá-mimosim. A canela-atoa. A carne-de-vaca. A rama-de-bezerro. A capa-rosa-de-judeu. A maria-pobre. A colher-de-vaqueiro. O jacarandá-muxiba. O grosso-aí. A combuca-de-macaco. O pente-de-macaco. O macaqueiro. A árvore-de-folha-parida. O castiçal. O malmal. O frei-jorge. A cachaporra-de-gentio. O açoita-cavalos. O amansa-bestas. O rosa-do-norte. O bordão-velho. O cega-machado. A uva-pura-do-campo. O tira-teima. O bálsamo-de-cheiro-eterno. O araticúm-do-sertão. O cajá-do-sertão. A embira-barriguda-do-sertão. A timborna-sertã. O muito-sertão. [...] O uaiandi. A jana-una. A urunduva. O guajabara. O ibiracema. O guabipocaíba. A uuucuúba. O araticum-da-beirado-rio. O pau-paraíba. O buriti — palmeira grossa. O Buriti, sempre... Carnaúbas. Pindovas. O uauassú... (ROSA, 2016)

Ainda completa ressaltando a fauna da região descrita no conto:

Seriema voando. Os anús, pretos e brancos. A alma-de-gato. A maria-com-avovó, marceneira. A codorninha-buraqueira. Os joãos-de-barro, os joães-de-barro. A maria-mole (— Quando o senhor está acordado, em beira de vereda, a noite inteira o socó canta...). O João-do-mato. O voo de inauditas corujas. A strix hugula. As pombas. A pomba-do-ar. A juriti-do-peito-amarelo. O rulengo. O tempo-quente. O papa-banana. A doidinha. A maria-doida — que parece vestida alheia, com penas de algum outro pássaro. O cãcã, ave austera. A nhambuzinha. O João-velho dando machadadas. O João-pobre em beiradas de córrego. O João-barbudo, num gonfo de pedreira. A maria-faceira, em beira de lagoa. O sangue-de-boi, geralista. O coquí. O sofrê, veredas do Gerais avante. O benteví, por toda a parte. Os urubús, avaros. (ROSA, 2016)

Guimarães Rosa soube muito bem transpor para suas histórias a descrição dos lugares, levando o leitor a entender e visualizar detalhadamente o que ele descreve, não deixando de mencionar que o escritor traz consigo descrições populares, enaltecendo o lado humano e cultural da Geografia.

Para os alunos do 1º ano do Ensino Médio, este tipo de prática os aproxima de outras formas de apresentação dos aspectos geográficos possibilitando um paralelo entre a ciência geográfica e as outras formas de produção de conhecimento.

Então, uma Geografia que se remete a outras ciências e campos de estudos e culturas diferentes, abre o acesso a práticas pedagógicas diferenciadas que ampliam a aprendizagem dos alunos, tornando-os mais perceptivos e aptos a entender as várias formas de absorver conhecimento.

3 CONCLUSÃO

Entendemos a partir deste artigo que a Geografia é sempre inovadora e conciliadora de áreas distintas. Há possibilidades infinitas de abrir espaços de aprendizagem inéditos quando através de práticas pedagógicas se privilegiem a interdisciplinaridade. Projetos interdisciplinares no espaço escolar agregam conhecimento a prática pedagógica e fortalece o trabalho do professor diante as propostas constantes no currículo.

O Cerrado é um bioma que requer estudos complementares que apresentem sua diversidade natural e utilitária, ou seja, natural pela diversidade de suas características físicas, sua fauna e flora, bem como utilitária pela diversidade de usos que este bioma oportuniza através da indústria, medicina e costumes populares. Ainda há campos imensos de descobertas que se abrem a partir da imersão neste espaço rico e que ainda necessita de maiores estudos, que dentre os vários já realizados, colocam este importante bioma como um dos que possuem a maior biodiversidade.

Quando a Geografia introduz seus alunos no estudo do Cerrado e outros biomas, por caminhos diferentes ampliam-se o conhecimento e as inúmeras possibilidades de um novo rumo para a compreensão da riqueza natural e social de um espaço geográfico. E mais do que tudo, torna-se fundamental, importante e essencial que os discentes conheçam o bioma em que residem para que práticas de preservação e uso consciente do mesmo estejam cada vez mais presentes no cotidiano dos cidadãos, afim de que possamos colaborar com a diminuição dos impactos negativos neste importante bioma brasileiro.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 92ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

BEZERRA, Marily da Cunha et. al. **Dossiê Guimarães Rosa**. Estudos Avançados/Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados. Vol. 20, n. 58, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas atuais. Belo Horizonte: 2010.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

GUIMARÃES, Maria José Eras. **Interdisciplinaridade: consciência do servir.** In: O que é interdisciplinaridade? São Paulo. Cortez, 2008.

MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa.** 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira.** São Paulo: Martins, 1940.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

ROSA, João Guimarães. **Discurso de Posse do Dr. João Guimarães Rosa.** Revista da Sociedade Brasileira de Geografia, n.53, 1946.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém: Corpo de Baile.** 13 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SUZUKI, Júlio César. **Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos.** São Paulo: Sesc, 2017.